Em 1959, grupo fez 1º sequestro de avião do país e tentou derrubar JK

Revolta de Aragarças, que durou apenas um dia e completa 60 anos hoje, foi uma espécie de ensaio do golpe militar de 1964

Ricardo Westin

HÁ EXATOS 60 anos, um avião da Panair que havia decolado do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, rumo a Manaus, desapareceu durante a madrugada em pleno voo. Entre passageiros e tripulantes, viajavam 46 pessoas, incluindo o senador Remy Archer (PSD-MA).

Notícias desencontradas logo começaram a correr. Nesse 3 de dezembro de 1959, nas primeiras horas da manhã, um desnorteado senador Victorino Freire (PSD-MT) subiu à tribuna do Palácio Monroe, sede do Senado, no Rio:

— Preparava-me para sair de casa quando soube que havia desaparecido o Constellation da Panair em que viajava o senador Remy Archer, meu amigo. O *Repórter Esso* chegou a divulgar que o avião havia caído. A senhora Archer, com três filhinhos pequenos, em pranto, estava certa de que o marido havia morrido. Aqui permanecemos numa tortura de espera e ansiedade.

A fala de Freire está catalogada no Arquivo do Senado. Segundo os documentos do acervo histórico, os senadores Otávio Mangabeira (UDN-BA) e Afonso Arinos (UDN-RJ) interromperam o colega e avisaram que haviam acabado de receber, de mensageiros anônimos, cópias mimeografadas de um manifesto que explicava tudo, assinado por um grupo que se intitulava Comando Revolucionário.

Não se tratava de desastre aéreo. O avião da Panair havia sido sequestrado no ar — o primeiro sequestro de avião da história do Brasil. Estava em curso uma tentativa de golpe para derrubar o presidente Juscelino Kubitschek e instaurar uma ditadura militar. O Comando Revolucionário era formado essencialmente por oficiais da Aeronáutica e do Exército.

A conspiração teve mais duas frentes. No mesmo momento em que o piloto da Panair era rendido quando atravessava a Bahia, outro grupo roubava da Base Aérea do Galeão, no Rio, três aviões da Aeronáutica repletos de armas e explosivos, e um terceiro grupo levava do Aeroporto da Pampulha, em Belo Horizonte, um teco-teco pertencente a uma empresa de mineração também carregado de armamento.

Bombas no Catete

De posse dos cinco aviões, os rebeldes voaram para uma cidadezinha de Goiás chamada Aragarças (por localizar-se na confluência dos Rios Araguaia e das Garças), que se tornou o quartel-general da revolta. O plano mais imediato era bombardear o Palácio do Catete e matar JK. O movimento, que acabaria fracassando, ficou conhecido como Revolta de Aragarças.

— Proclamo meu desacordo com essas situações violentas. Sejam quais forem as falhas do governo, por mais graves que sejam os problemas brasileiros, não será à custa de movimentos subversivos que iremos ao encontro das legítimas aspirações do povo — discursou o senador Lameira Bittencourt (PSD-PA), líder do governo.

— Quero deixar patente a reprovação da bancada udenista a qualquer movimento subversivo. A nação precisa de paz e ordem para prosseguir no exercício da sua vida democrática — concordou o senador João Villasbôas (UDN-MT), líder da oposição.

A aliança partidária PSD-PTB governava o Brasil desde 1946. Setores das Forças Armadas estavam insatisfeitos com a hegemonia do getulismo e do trabalhismo e ansiavam por ver no poder a UDN, partido oposicionista que havia perdido as três eleições presidenciais posteriores à ditadura do Estado Novo.

O estopim da Revolta de Aragarças foi, em dezembro de 1959, a repentina decisão de Jânio Quadros, o presidenciável apoiado pela UDN, de renunciar à candidatura. A eleição estava marcada para outubro de 1960. Os militares que se aferravam a Jânio entenderam que essa desistência faria a dobradinha PSD-PTB perpetuar-se no governo.

O autointitulado Comando Revolucionário já estava em alerta por causa de dois boatos fortes. O primeiro dava conta que JK negociava uma emenda constitucional que lhe permitiria a reeleição. O segundo boato dizia que, diante do favoritismo de Jânio, o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, expoente do PTB, orquestrava um golpe para barrar a vitória da UDN e instaurar uma ditadura sindicalista no país.

— Não tenhamos dúvida de que a revolução, a revolta, o motim ou golpe frustrado de Aragarças foi muito fruto da decepção causada pela retirada da campanha do senhor Jânio Quadros — afirmou o senador Afonso Arinos.

O manifesto divulgado pelo Comando Revolucionário descrevia o Poder Executivo como corrupto, o Legislativo como demagógico e o Judiciário como omisso. E continuava: "Em face desse estado de degeneração, os adeptos do comunismo infiltrados nos mais variados setores, dentro e fora da administração pública, procuram tirar o máximo benefício da situação de miséria das populações para implantar o seu regime de escravidão do ser humano".

Campanella Neto

Repórter fotográfico Campanela Neto, que estava no avião sequestrado da Panair, registrou os golpistas sendo derrotados em Aragarças

Campanella Neto

Aragarças falhou porque os insurgentes não conseguiram o apoio imaginado. Eles esperavam que militares de todos os cantos do Brasil se somariam ao movimento assim que o manifesto fosse divulgado. Praticamente ninguém saiu dos quartéis. Também contavam com a adesão da UDN. Os políticos udenistas, contudo, calcularam que uma revolta militar nesse momento daria motivo para JK decretar estado de sítio e cancelar a eleição.

"Copacabana aérea"

Apesar de o líder da UDN no Senado ter repudiado a Revolta de Aragarças, houve senadores do partido que não endossaram a condenação e, ao contrário, aplaudiram os insurretos. Otávio Mangabeira afirmou que concordava com o diagnóstico contido no manifesto do Comando Revolucionário:

— Amo as rebeldias legítimas. O que detesto são as acomodações exageradas. A nação que se habitua a acomodar a tudo é uma nação que se educa na escola da fraqueza. No dia em que for chamada a defender a pátria, não estará moralmente habilitada a fazê-lo. Apesar de divergir deles no ponto em que pedem a demolição da estrutura constitucional e a implantação da ditadura militar, trago minha palavra de compreensão para aqueles jovens militares levados pelo arroubo de seu temperamento e pelo fogo de sua idade.

Arinos comparou Aragarças com a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, de 1922:

— Eu era adolescente e morava ao lado do Forte de Copacabana. Assisti na noite de 4 para 5 de julho àquele pugilo de jovens passar de réprobos [malvados] de uma repressão brutal à condição de heróis impolutos de uma geração. Não podemos agora saber se Aragarças se trata de uma Copacabana aérea. É melhor não tomarmos aqui uma atitude de condenação.

A Revolta de Aragarças envolveu cerca de 20 rebeldes. Dado esse contingente reduzido, as forças do governo facilmente sufocaram o movimento já no dia seguinte. Não houve mortes. Um dos aviões militares roubados foi metralhado na pista de pouso de Aragarças e explodiu. Os insurretos a bordo se renderam. Os demais usaram os outros aviões para fugir para a Bolívia, o Paraguai e a Argentina. O senador Remy Archer foi libertado em Buenos Aires.

Poucos dias depois, Jânio Quadros retomou sua candidatura — "Jânio renuncia à renúncia", noticiou um jornal. Ele venceu, marcando enfim a chegada da UDN ao poder e esfriando os ânimos golpistas das Forças Armadas. Mas a paz não duraria. Em 1961, a renúncia de Jânio à Presidência e a posse de João Goulart despertariam os conspiradores. Em 1964, o golpe não seria frustrado.

Arquivo Público do DF

Domínio Público

Aragarças foi protagonizada por militares contrários a JK e João Goulart e favoráveis ao candidato Jânio Quadros

SAIBA MAIS
Veja trajeto dos aviões tomados em 1959: http://bit.ly/Aragarcas

A seção *Arquivo S*, resultado de uma parceria entre o **Jornal do Senado** e o Arquivo do Senado, é publicada na primeira segunda-feira do mês. Acesse http://bit.ly/arquivo-s